



## SUMMARIO

TEXTOS: *Chronica*, por Mariano Pina. — As nossas gravuras: *Um meeting*; O cholera em França; mercado das flores; A caixa do correio; a casa do campo do presidente da Republica franceza. — *Per amica silentia* (soneto), por Luiz Guimarães. — *O ultimo homem e a ultima moeda* (conto), por Quatrelles. — *Notas e impressões*. — *Theatros*, por J. Miranda. — *Pussatempo*. — Um desenho de Gavarni. — A nossa agencia.

GRAVURAS: *Um meeting*, quadro de M<sup>rs</sup> Bashkireff. — O cholera em França: O hospital de Saint-Mandrier proximo de Toulon; Aspecto d'um casa em Toulon, durante a noite, quando se acendem as fogueiras d'alcatraz; Os ultimos que fogem de Toulon; Desinfecção a que eram sujeitos os viajantes de Toulon e de Marselha ao chegarem a Paris; Os doutores Fauvel, Proust e Brouardel. — Paris pittoresco: O mercado das flores, desenho original de Amédéo. — A caixa do correio, quadro de Lobrichon. A casa de campo do presidente da Republica franceza em Mont-sous-Vaudrey. — Um desenho de Gavarni.

## CHRONICA



EM dez horas da noite. Apesar de todos os receios d'uma invasão do cholera, Paris saboreava o seu 14 de julho, o anniversario da tomada da Bastilha, a festa official da Republica franceza.

A tarde tinha refrescado; a bandeira tricolor sorria com o seu bonito sorriso escarlate pelas varandas, pelos telhados, pelas torres e pelos zimbórios; no ar fluctuavam alegrias de hymnos, bafo de *Marselheza*

que o vento trazia já de longe — e quando a noite desceu a população de Paris saiu toda para a rua.

Uma onda de multidão em festa rolava pelos boulevards, pelas avenidas; chegada á praça da Concordia alastrava-se como n'uma grande babilá a que dois cerros dão passagem; e subia e descia pelos Campos Elysees, narizes no ar, olhando as luminarias, os fogos d'artificio, os focos de luz electrica; e os enormes fogachos de gaz estrebuchando, debatendo-se na escuridão, lambendo a noite, sequiosamente...

Ha um certo prazer, todas as vezes que se pode, em ver a multidão. Um certo interesse mesmo.

Um homem isolado, posto diante d'outro homem que o observa e que o estuda, apanhando-lhe gestos, fallas, maneiras de se expressar e maneiras de olhar, de fumar, de comer ou de rir, pode ser um excellente homem. Na multidão, tendo posto de lado as suas responsabilidades individuaes, deixando de ser um *todo* para ser somente uma *parte*, esse homem pode ser um bandido! E esta massa de gente, esta mistura de classes, d'idades e de sexos, bafejada, animada por um ar de revolta ou de festa é como que a photographia da alma d'um povo, alma que por um instante se materializou ao passar em frente da objectiva que a devia surprehender.

E todas estas cousas tão tristes e tão inspidas que os srs. acabam de ler... pensava-as eu ao ver da *terrasse do Café da Paz* a multidão parisiense, multidão por vezes banal, quasi sempre melancholica, aspecto de pasmaceira salaio para a primeira insignificancia que lhe salta diante dos olhos, rindo da primeira carêta d'um palhaço rôto, applaudindo a primeira semsaboria que um cantor de praça, atacado de furor artistico, está ganhando debaixo d'uma janella.

Onda popular verdadeiramente insipida. E em todo o caso formada dos typos mais pittorescos que Paris possui nas suas classes inferiores. Como a mudança se opera, transformando individuos originaes em massa vulgar, é que eu não sei explicar-lhes. As physionomias no tumulto perdem expressões particulares, tics, detalhes, traços característicos. Até desaparecem os fatos, os costumes tão peculiares a cada classe. Tudo se banalisa. São filas cerradas de insipidez. É a multidão absorvendo, destruindo, a originalidade de cada qual...

Paris não deve ser apreciado nem julgado pelos ajuntamentos, sobretudo pelos ajuntamentos em dia de festa. O povo que todos os dias da semana atravessa os grandes boulevards, ligando-lhes a mesma importancia que elle liga ao seu boulevard exterior, no dia em que se annuncia festa tendo que descer expressamente para o coração da cidade — o povo parisiense faz logo *toilette* e toma ares. Não quer mais ser povo — quer-se confundir com os burguezes, com os pequenos commerciantes; as mulheres imitam as boas burguezas do *faubourg Saint-Denis*, os homens parecem-se com empregados de secretaria.

Aparte este bello *gamin* de Paris, este *va-nu-pieds* trepando constantemente para o cimo de todas as arvores, apparecendo em todos os lugares cujo accesso é terrivelmente defendido pela policia, tendo sempre prompta uma chalaça para atirar a todas as cousas comicas, e um *ohé!* de troça que faz ver immediatamente ridiculo onde todo o mundo via solemnidade e circumspecção, aparte este adora val garoto — o resto do povo toma ar de occasião. Os homens embrulham-se em panno preto; as mulheres em seda — quasi sempre seda côr de passa. Desapparece a muito apregoadada *blouse* do operario, a immensa *blouse* azul ou parda, para surgir o frack, este frackzinho apertado, aperrado, esticado, com quatro botões de frente, algibeira sobre o coração para charutos ou lenço de côr, e abrindo em janella gothica sobre o estomago. As mulheres em vez de sahirem em cabelo, como sahem sempre ou haja sol ou haja neve, acharam que era chegado o momento para pôrem chapellino. E pelo chapéu também é substituida esta illustre e legendaria touca de todas as *concierges*; esta veneranda touca de rendas brancas, engrinaldada com fitas de seda encarnada ou azul, esta famosa touca que reúne em si toda a respeitabilidade, toda a segurança, toda a vida d'um predio, touca que tem historia em todas as paginas celebres, nas paginas de Gavarni, de Daumier, de Cham, de Balzac, de Dumas e de Zola...

N'esta multidão parisiense em dia de festa não só desaparecem os typos característicos de cada uma das diversas

classes populares, mas até desaparece o espirito e o bom senso. A multidão tudo amassa, tudo achata, tudo uniformisa. É a uniformidade do vulgar.

Uma vez por semana Paris deixa de ser Paris — é aos domingos, como deixa também de ser Paris no 14 de julho. Domina a pasmaceira. O primeiro balão de papel que atravessa sobre os telhados da Opera em direcção aos Invalidos, põe todos os narizes no ar, — e ainda na vespera ninguém se deteve um minuto a olhar o balão de caotichouc em cuja barquinha um homem de sciencia, com risco da propria vida, ia fazendo observações metereologicas. Uma corneta de caça é capaz de provocar o mais louco entusiasmo; e um foguete faz abrir todas as boccas n'um immenso O de admiração e de espanto. Qualquer cançoneta imbecil obtém um exito extraordinario ganida pelo primeiro semsaborão anonymo; e homens, e mulheres, e creanças para satisfazer e apagar ataques de alegria, de bem estar e de patriotismo, esfallam-se a soprar furiosamente em *mirlitons* e em cornetas de papel.

E dizia-me n'essa noite de 14 de julho um amigo meu, um illustre romancista, com uma grande intenção ironica:

— Ora aqui tem você o espirito parisiense!

E passava um casal de braço dado, elle meio turvo, ella suada e cheia de poeira, e os dois cantando melancolicamente:

Je suis la femme  
De l'astronome  
Du la place Vendôme.

E o meu amigo a espicaçar-me os ouvidos, a dizer-me insidiosamente como se fosse eu o culpado de toda esta semsaboria:

— Ande! repare-me no tal espirito!

E um bando, e outro, e mais outro caminhando na nossa frente em passo acelerado, em passo militar, a gunhir em côro:

Tiens! voilà Mathieu!  
Comment vas-tu, ma vicille!

E o meu amigo a censurar-me, a reprehender-me, n'um tom de quem desejaria queimar-me vivo:

— Pois você não applaude o tal espirito parisiense!...

E todo este mundo, esta multidão derreada e já meia somnolenta, horrorisava pela melancholia das suas expansões, pela insipidez dos seus cantos, pelo que ha de funebre nos seus gritos d'alegria.

Devemos confessal-o: O povo parisiense é o povo mais alegre da terra, — mas quando se vê de perto cada individuo, quando se apanha isolado cada typo, quando cada typo caminha livremente sem mundo em volta que lhe tolha e lhe restrinja os movimentos. Em massa, porém, esse povo é geralmente semsaborão. E em Hespanha, por exemplo, dá-se exactamente o contrario. No campo ou na cidade, o individuo em geral não é agradável, o homem tem o ar fatal ou o ar estúpido, a mulher o ar indolente, o ar somnolento muitas vezes. E a multidão como ella é viva, alegre, ruidosa, gritando tudo harmonicamente — as gargantas das raparigas e as côres das *toilettes*!

Talvez que se possa definir o typo parisiense do seguinte modo:

Um parisiense isolado é quasi sempre um homem de génio; vinte parisienses juntos são quasi sempre vinte imbecis!



... E no tocante a *espirito* muita gente ha que pensa d'este modo :

Que basta entrar em Paris, tomar o primeiro *fiacre* que passa na rua e trocar um dialogo curto com o cocheiro, — para se ver escorrer dos labios d'esse cocheiro a mesma graça, a mesma finura, a mesma ironia que escorre d'uma pagina de Karr.

Que basta surpreender a primeira crinida do hotel escrevendo uma carta onde dá *rendez-vous* nas Tullerias a um Hercules do corpo de *hussards*, — para se encontrar n'essa carta a mesma singeleza aristocratica d'estylo, a mesma doce ironia feminina que se encontra nas epistolas dirigidas por George Sand ao principe Jeronymo Napoleão ou a Gustavo Flaubert.

Que basta surpreender a primeira munda que se debruça do *landau* atulhado de lilazes brancos para falar, a sombra das acacias do Bosque, a um socio do *Jockey* ou da *Union*, — para ouvir immediatamente pelo ar um *tim-tim* de lindas phrases, como as que scintillam pelas comedias de S. M. Dumas I e de S. M. Dumas II.

Longe de mim a ideia de querer duvidar d'um a proposito genial d'um cocheiro;

d'uma phrase tão sentida como as sentio a Sand, e que por um acaso cahio, sem mesmo se saber como, da penna d'uma loura criada, nariz arrebitado e agudo, dentinhos felinos, olhos gulosos e touquinha branca enfeitada de rendas que sorriem de mistura com ouros de cabellos crespos;

ou do dialogo finissimo, cortado de mil observações ironicas, d'uma mulher do mundo que se educou pelo lado do sentimento em Musset e pelo lado da ironia em Pailleron ou Droz.

Todo o parisiense tem espirito, todo o parisiense, seja qual for a classe a que pertence, tem o seu *mot*, a sua phrase, no momento em que a sua attenção é ferida por alguma cousa estranha.

Mas isto que se chama *espirito parisiense*; isto de que todo o mundo falla e onde todo o mundo se desejaria educar; isto, esta cousa que espuma d'esta immensa caldeira — Paris — constantemente em ebulição; isto que nos espanta, que nos surpreende, que faz pasmar, que toda a gente inveja, que toda a gente procura reproduzir; isto a que a Alemanha tem mais medo que a duzentos exercitos francezes pela simples razão de que as baías não entram com elle; isto que não allumia só Paris, mas que vae allumiar uma pagina de livro aos confins da Russia e um trecho de chronica aos confins da America — isto, este sublime *isto* é que se não encontra ao voltar do primeiro café, nem na estufa da primeira princeza na moda...

Não é a população de Paris que produz o *espirito*, não são os parisienses que o fabricam — é apenas um pequeno grupo d'homens, cada qual isolado no seu canto, enterrado no seu gabinete de trabalho, plantado á sua meza, diante de folhas de papel em branco, onde uma penna desenha o pensamento e a phrase que acaba de pescar no fundo negro d'um tinteiro.

E tre muitos nomes que n'este momento me accodem vou destacando :

na poesia — Hugo, Lecomte de Lisle, Sully Prudhomme, François Coppée, Bainsville;

no romance — Zola, Daudet, Goncourt,

Droz, Barbey d'Aurevilly, Hulevy, Feuillet; na critica — Taine;

na comedia — Augier, Dumas, Sardou, Labiche, Pailleron;

no jornalismo — Vacquerie, Rochefort, Vallés, Wolff, Scholl e About.

São todos estes sujeitos — bando mesquinho se o compararmos com esta população de 3 milhões d'habitantes de que é formado Paris — são todos estes sujeitos os que verdadeiramente produzem, os unicos que produzem o muito celebre, o muito fumoso *espirito parisiense*, que Eça de Queiroz ainda ha poucos dias, passeando comigo ao longo do boulevard dos Italianos, classificava de *segundo Paris* — « aquelle que eu amo, que eu adoro, que me chega todos os dias pelo correio, a Bristol, cinto e estampilhado, sob a forma de jornaes, de revistas e de livros, por que o outro Paris, este que nós estamos pisando... han! abo-mino-o!... »

E cousa celebre. Muitos homens de talento abominam Paris — mas todas as vezes que podem fogem para Paris, vem repousar a Paris. É porque Londres, Berlim ou Vienna são tão cruéis para os pobres viajantes que apenas elles lá chegam parece que os deixam no vacuo, que lhes saltam ao pescoço, que os estrangulam, sem tempo terem para protestar. Emquanto que Paris é tão boa pessoa, tão nosso amigo, este seu ar é tão nosso conhecido, sabe tanto ao ar da nossa terra e põe-nos tão á nossa vontade — que o meu amigo Eça chama ao Bosque uma *ignominia* como *ignominia* também elle chama a Cintra... achando contudo estes dois sitios adoraveis!

MARIANO PINA.

O nº 8 da ILUSTRAÇÃO contém interessantissimos desenhos sobre a epocha dos lunhos na Europa, destacando-se uma soberba pagina de Adrien Morel, o collaborador assíduo do MONDE ILLUSTRÉ de Paris et do GRAPHIC de Londres.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### UM MEETING

No *Salon* de Paris d'este anno, o quadro que hoje damos na nossa primeira pagina brilhava pela graciosidade do assumpto e pela belleza do acabamento. Sobre tudo o assumpto, mesmo pela sua simplicidade, é delicioso, e n'esta reunião ingenua de meia dúzia de rapazolas saltos ha bocado da escola, e n'este titulo *Um meeting*, ha uma certa ironia suave que vae bem com o quadro e que ainda mais resalta e mais brilha ao saber-se que a obra d'arte sahio do pincel d'uma senhora, de M<sup>lle</sup> Bashkirseff. O titulo é uma allusão finissima aos proprios paes d'aquelles garotitos que em vez de trabalharem honradamente nas officinas, andam a berrar em reuniões politicas contra os burguezes e contra o infame capital, imaginando mudar as cousas á superficie da terra apenas com rhetorica, e Deus sabe que rhetorica elles empregam!

E os filhos também conspiram, também organisam o seu *meeting* ao canto d'aquelle tapume. Simplesmente a sociedade não terá que temer d'aquelles conspiradores. Não planeiam ainda destruições de thronos, proclamações socialistas. Será para mais tarde. Hoje aquella meia dúzia contenta-se apenas em escutar os projectos do mais velho, que lhes ensina o melhor modo de amanhã fazerem *gazeta*, e irem para os campos apañar ninhos e roubar cerejas.

Ou talvez que a conspiração seja ainda mais terrivel. Alguns vingança a exercer sobre algum camarada. E amanhã, quando todos estiverem longe das vistas do mestre, amanhã, na primeira praça, vae-se travar batalha, acabando sempre a lucto com algumas cabeças rachadas.

Resulta o que resultar d'aquelle *meeting*, ou uma *gazeta* á escola ou um ataque a um pomar ou varias cabeças partidas, o que não podemos deixar de confessar é que o quadro é magnifico e que hade receber dos nossos leitores as mesmas sympathias que encontrou entre o publico que frequentou este anno o *Salon* de Paris. A gravura em madeira é devida ao buril do nosso illustre collaborador Ch. Baude.

### O CHOLERA EM FRANÇA

Apenas cortada a primeira noticia da appareição do cholera em Toulon, os doutores Brouardel e Proust, membros da commissão d'hygiene publica, partiram para o departamento do Var a convite do ministro do commercio, sr. Hérissou. Tratava-se de ir estudar e determinar a natureza da epidemia.

Segundo os primeiros relatorios dos dois illustres medicos lidos á Camara franceza pelo sr. Hérissou, parecia resultar que se estava em presenca não do terrivel cholera indiano mas d'um cholera benigno, nascido em terras de França e não invasor, n'uma palavra — sporadico. Não obstante um inquerito dos mais minuciosos no qual os illustres medicos foram ajudados por todas as auctoridades, não lhes foi possivel descobrir por que meio o germen do cholera asiatico foi importado em Toulon. Havia contudo duvidas n'estes relatorios, duvidas justificadas por que o desenvolvimento da epidemia accusava o cholera asiatico. Esta opinião apresentada á Academia de medicina foi combatida pelo celebre doutor Fauvel na mesma sessão. O doutor Fauvel optava pelo cholera benigno. É o cholera *nostras*, o *nostras*; e na opinião do dr. Fauvel não ha razão — para estas medidas quarentenarias rigorosas, para estas desinfecções ridiculas que não produzem nem podem produzir nenhum effeito!

Mas apesar do dr. Fauvel asseverar que elle é *nostras*, o cholera nem por isso deixa de apresentar o caracter asiatico, predominando em Toulon e em Marselha os casos fulminantes que se decidem em duas horas.

Nada poderá descrever o aspecto desolador de Toulon. De 70,000 habitantes restam apenas 6,000. De dia raros são os transeuntes, as lojas fechadas, as janellas e as portas fechadas tambem. A entrada da noite o aspecto muda. As portas abrem-se, os habitantes saem de suas casas. Acendem-se então fogueiras em todas as praças, ao longo das ruas, muito proximas umas das outras, a vinte metros de distancia quando muito. Reunem-se em torno d'estas fogueiras, atiram-se foguetes e morteiros, dança-se em redor, toda a gente se esforça para afugentar o terror, finge-se alegria e tudo isto é d'uma tristeza desconsolidadora. E no meio de tudo isto, de toda a parte se evolvem os mais exquisitos cheiros : os desinfectantes! A maior parte d'estas fogueiras são alimentadas a alcatrão. Chamas intensas elevam-se á altura de cinco e seis metros, precedidas d'uma espessa columna de fumo muito negro. O nosso desenho representa uma d'estas fogueiras, sobre o caes, não longe do palacio do Hotel-de-Ville e proximo da estatua colossal em bronze representando o *Genio da negação*, erguendo-se altiva sobre o seu pedestal de marmore. O outro desenho que encima esta nossa gravura representa o hospital de Saint-Mandrier em Toulon, um dos hospitais mais bem organizados de França, que hoje está prestando importantes serviços, servindo n'este momento para os cholericos militares. Rica situado na península do cabo S. Peter e forma um anexo do hospital de marinha.

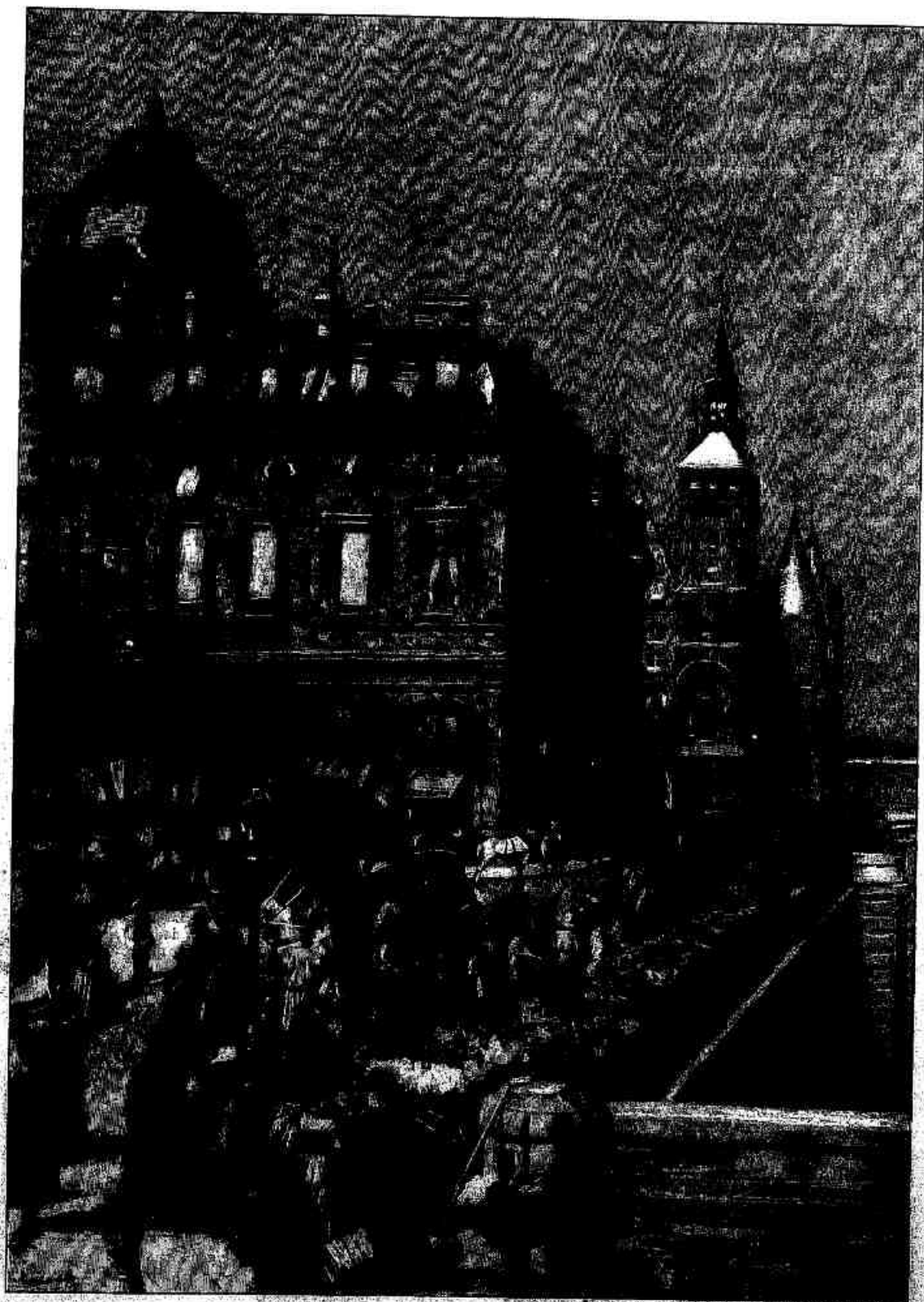


O CHOLERA EM FRANÇA : O hospital de Saint-Mandrier próximo de Toulon.



O CHOLERA EM FRANÇA : Aspecto d'um caso em Toulon, durante a noite, quando se acendem as fogueiras d'alcatraz.





PARIS PITTORESCO : O mercado das líbras. — Desenho original de R. Amédo.

O PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCESA  
EM MONT-SOUS-VAUDREY

No dia 24 de julho partiu para Mont-sous-Vaudrey, como já o fazia no tempo em que era simples presidente da Câmara dos deputados — o sr. Jules Grévy. A nossa gravura representa a casa de campo do illustre presidente da Republica, em Mont-sous-Vaudrey, uma aldeia da região do Jura, onde o sr. Grévy nasceu.

A habitação fica situada proximo da grande estrada de Dole a Arbois, no extremo d'uma avenida. É guarnecida por uma grade de ferro, como a casa do mais simples proprietario. A habitação compõe-se de dois andares. Em frente da estrada uma grande pelouse; um vasto parque, todo murado, rodeia a casa; e ao fundo do parque corre um rio.

Uma modesta cavallaria serve d'asylo a uma mula, o que forma toda a caudalaria do presidente!

No rez-do-chão fica a casa de jantar, ornamentada de falanças antigas e de naturezas mortas. Um cuco suíço canta as horas, e a baixela da casa é das mais modestissimas. Ao lado fica a cozinha, immensa, com uma d'estas grandes e altas chaminés, como só se encontram nas antigas casas de provincia e nas quintas ricas.

No primeiro andar um salão em damasco vermelho, illuminado por duas janellas, muito simplesmente mobilado, e communicando com os quartos da esposa e da filha do sr. Grévy.

O aposento do chefe da casa consta d'um quarto onde se vêem alguns bons quadros, e onde o sr. Grévy dorme n'uma simples cama de ferro, e d'um gabinete de trabalho forrado de papel verde, onde ha estantes com mais de 3,000 volumes sobre direito. Um grande numero de objectos d'arte, provenientes da casa que o sr. Grévy habitava em Paris quando era simples particular, vieram enriquecer a habitação de Mont-sous-Vaudrey, onde o Presidente da Republica se repousa durante algumas semanas da sua vida politica.

A vida do presidente na sua casa de campo é a mais patriarchal que se pode imaginar. Depois de ter respondido a assumptos indispensaveis ao alto cargo que occupa, passa o seu tempo a jogar o xadrez em que elle é forte, e algumas vezes tambem se joga o whist. Tambem se joga o bilhar n'uma sala do segundo andar, jogo em que elle tambem é distincto.

Chegado setembro este genero de vida varia um pouco. O sr. Jules Grévy é um caçador de primeira ordem.

Vigoroso como um montanhez, e vivo apesar da sua avançada idade (setenta e quatro annos), o Presidente da Republica desde o amanhecer percorre campos e atravessa matos. Quasi todas as suas manhãs são passadas na caça. É um dos pontos de contacto que existe entre elle e Washington e Mac-Mahon, de que todos conhecem os meritos como grandes caçadores.

## PER AMICA SILENTIA...

Pelas ondas do tempo arrebatados  
Até á morte iremos;  
Soltos no longo do baliz da vida  
Os esquecidos remos:  
— Machado de Assis — NOIVADO.

Leve singrava a nossa esguia barca:  
Fagueiro estava o ar e o mar fagueiro...  
Lembras-te? A prôa a voz do gondoleiro  
Cantava uns versos do immortal Petrarca.

A aura marinha a suspirar beijava  
A fluctuante, a tremulante vela  
Bem como um labio... — e a vela palpitava  
Como palpitava um seio de donzella.

Sabem que, desde que se declarou a emigração dos habitantes de Toulon, o flagello sahio para fora d'esta cidade, espalhou-se um pouco por toda a parte, ameaçou seriamente Paris, mas onde está fazendo enormes victimas, além de Toulon, é em Marselha. Para evitar que o flagello se propagasse por toda a França tomaram-se grandes precauções em todas as cidades. A importação dos fructos e dos legumes vindos do Meio Dia da França foi prohibida em Paris; e a policia mandava submeter todos os viajantes e bagagens que vinham pela linha de Marselha, nas gares, a quarentenas mais ou menos prolongadas e a medidas de desinfecção. Um dos nossos desenhos representa as precauções tomadas na gare de Lyon, em Paris. À chegada á estação nos wagons especimes que a Companhia teve o cuidado de lhes reservar, os viajantes vindos de Toulon e de Marselha, estacionavam durante meia hora n'uma sala especial de desinfecção, regada a cada instante com phenato de soda em proporções consideraveis e onde estavam dispostos aparelhos contendo crystaes d'acido sulphurico nitroso. Emquanto os viajantes ali estavam, os inspectores de policia do ministerio do interior tomavam os seus nomes e moradas, de modo que se podesse constatar com a maior facilidade a origem do primeiro caso que se desse em Paris. Mas estas medidas de desinfecção nas gares foram postas de parte por insufficientissimas para combater o cholera, entrando hoje livremente em Paris, sem fazerem quarentena, os viajantes de Toulon e de Marselha que venham refugiar-se na capital. Damos esta gravura como pura curiosidade pois que o systema de desinfecção já acabou, o que veio confirmar, em parte, as opiniões do illustre dr. Fauvel, um dos membros mais respeitaveis da Academia de medicina de Paris.

A esplendida gravura que publicamos na pagina 104 é bastante eloquente e o assumpto é tão profundamente dramatico e tratado com tanto talento, tanta verdade e tanto sentimento, que não necessita de largas explicações.

O nosso quadro representa um publico composto de gente pobre que n'uma sala d'estação de caminho de ferro, espera o momento da partida do comboio, para fugir aos horrores da epidemia.

A miseria é bem patente: as crianças fazem do vel-as assim tão pallidas, tão tristes, com um ar faminto e doentio... E como se desoladora esta figura da pobre viuva cujo marido foi victima da terrivel epidemia; e que neste momento vai partir, nem ella sabe para onde fugir no caso, arrancar as duas crianças dos horrores do terrivel flagello, e daqui a pouco andar talvez de porta em porta, por essas estradas alem, mendigando o pão com que lhes hade matar a fome!

Esperemos que em breve o cholera desapareça d'este solo abençoado de França, para que finalice bem depressa esta epocha tristissima de lucto, de miseria e de terror que estamos atravessando, pondo em sobresalto não só toda a França mas toda a Europa.

## O MERCADO DAS FLÔRES

RODOLPHO Amoêdo, o distincto pintor brasileiro pensionista do Estado em Paris, vai ser um dos nossos assíduos colaboradores artisticos. Esta noticia deve ser recebida com bastante agrado por todos os numerosos assignantes que possuímos no Imperio, podendo elle apreciar nas paginas da *Illustração* a fina educação artistica d'este seu compatriota cujo talento se desenvolve gradualmente deixando já antever n'este rapaz cheio de aspirações e de vontade um pintor de largo futuro.

O desenho original que hoje damos, feito expressamente para a *Illustração* e que foi fielmente reproduzido pelos modernos processos da gravura chimica, representa um canto curiosissimo do Paris pittoresco e que tem já seduzido o lapis de bastantes artistas.

Rodolpho Amoêdo tratou com grande felicidade este aspecto original do caos do Sena donde se vê o mercado das flores, proximo da igreja da Notre-Dame. O movimento do caos em manhã de mercado foi surpreendido com immensa verve, e nas edificações que formam o fundo do quadro advinha-se immediatamente Paris—primeiro o grande edificio do tribunal do commercio, mais ao longe as torres da Conciergerie, dependencias do palacio de justiça, onde o anno passado esteve preso o principe Jeronymo Napoleão (cujo retrato demos no ultimo numero) quando elle mandou affixar nos muros de Paris o seu extraordinario manifesto politico de pretendente ao throno de França.

Mas não é só Paris o que o nosso collaborador vai tratar nas paginas da *Illustração*. Outros vão ser os seus trabalhos e que vão certamente despertar immensa curiosidade no nosso publico d'além-mar. São estudos puramente brasileiros o que elle está preparando, paginas deliciosas arrancadas ao seu album de recordações da patria, trechos de paysagens, estudos de typos, pontos de vista — croquis esplendidos onde se advinha todo o pittoresco do Brazil, tratados por um fino artista e por um bom patriota.

O desenho que hoje damos de Rodolpho Amoêdo, pura phantasia parisiense, mas onde se vê um desenhador capaz de competir com os de Paris que tem passado já pelas paginas da *Illustração* — é o bastante para se avaliar o quanto hão-de ser sympathicos e vividos os seus croquis brasileiros, a que auguramos desde já um merecido successo, tanto mais que é a primeira vez que um artista brasileiro emprehe com o lapis aspectos curiosos da sua terra.

A *Illustração* só tem que se felicitar inaugurando semelhantes trabalhos e contando como collaborador effectivo um dos rapazes mais distinctos da nova geração d'artistas brasileiros.

## A CAIXA DO CORREIRO

LOBRICHON é um dos mais notaveis pintores de creanças que a França possui. Foi elle que mais acentou na tela o typo delicioso do *bébé* francez, o typo caracteristico, verdadeiramente nacional, que se advinha e se reconhece á primeira vista, esta creaturinha alegre e viva mas conservando sempre, apesar das neves do norte, este tom latino, este ar meigo, este vago sentimento de poesia que distancia a nossa das outras raças. Fez do *bébé* francez um typo, com os seus tics caracteristicos, como em Inglaterra Katy Grenway descobrindo a formula para desenhlar e pintar o *baby* inglez.

O quadro que hoje damos é um dos mais apreciados d'este auctor, e Lobrichon é um dos artistas que mais se deseja ter n'uma boa galeria de modernos. E quem, por esse mundo, não ha de gostar d'estes assumptos deliciosos, onde os personagens principaes são apenas creanças vistas pelo seu lado mais seductor e mais bello e mais ingenho? A Caixa do Correio é uma tela encantadora como tantas outras do mesmo auctor, não só pela perfeição do desenho e belleza do colorido, como pela graciosidade de todos estes pequeninos dramas que se passam entre *bébes*.

O nosso collaborador Ch. Baude conservou a obra do pintor toda a graça e toda a poesia que resaltam de tão deliciosa tela.



O CHOLERA EM FRANÇA: Os últimos que fogem de Toulon. Famílias d'operarios na estação do caminho de ferro.





« On a souvent besoin d'un plus petit que soi. »

# A CAIXA DO CORREIO

Quadro de Lebrichon



*As majestosas cathedraes erguiam  
Os imponentes vultos solitarios;  
De longe em longe, os echos repetiam  
Quebrados sons de velhos campanarios.*

*O sol sem raios lento agonisava  
Na curva do horisonte... Preguiçosa  
A casta Dina pallida esgarçara  
Do firmamento a gaze nebulosa...*

*Sobre o rochedo a pique em alvo bando  
As gaiolas pousavam, uma a uma,  
E o torvo mar, junto ao rochedo uivando  
As borrifava de alvaca espuma.*

*Frouxo, indeciso ainda scintillava  
O clarão do pharol na alta collina,  
E a Noite como um sonho deslizará  
Calma, estrellada, extatica, divina!*

*E quando a nossa aventureira barca  
Ia ondulando sobre a raga uua,  
E o gondoleiro os versos de Petrarca  
Lançava aos raios da chorosa lua,*

*Minha alma igual á essencia vaporosa  
Que a terra exhala quando a noite desce,  
Bem como uma alma que viveu na rosa  
E torna a Deus como invisivel prece,*

*Voava a ti, oh meu amor! oh pura,  
Pura visão dos mais felizes dias:  
E tu, repleta de infantil ternura,  
Me contemplavas timida, e sorrias.*

*O que eu te disse nem o sei agora!  
Póde-se acaso lembrar o canto  
Que á ave modula na primeira aurora  
E o coração em seu primeiro encanto?*

*O certo é que minha vida inteira  
Se transformou por ti... Nesse momento  
De altivo gozo e gloria sobranceira,  
Ante o sublime altar do firmamento,*

*Minha alma errante, parida, descrente,  
Oh peregrina flor do Paraíso,  
Fex-se mais pura que o cordeiro algente...  
E bastou para isso um teu sorriso.*

LUÍZ GUTMARÃES.

## O ÚLTIMO HOMEM

### A ÚLTIMA MOEDA

**E**STAVA sentado á minha janella. O dia baixava, o calor estava enervante. Andava tempestade no ar; uma d'estas tempestades indecisas, que relampejam, mas que não rebentam.

Os jornaes que tinha lido escorregaram-me das mãos, a minha cabeça, pesada, encontrou um ponto d'appoió — e adormeci. Tive uma visão estranha.

Eil-a.

I

Na parte mais alta do ceu, sobre uma nuvem afogueada, estava sentado o diabo. Não era o diabo grotesco, desancado por Polichinello, escarnecido por Guignol; o Mephistopheles infantil de Gœthe que apoquentava Margarida durante cinco acros ficando sempre na mesma, sem ter adiantado um passo; o diabo de patas rachadas, cabelludo, com chavelhos, de todas as tentações de Santo Antonio; não, era o Satan

terrivelmente bello de Milton, de Byron e de Alfred de Vigny. O vento luzia ondular as grandes madeixas da sua immensa cabellreira preta, e vergava as suas grandes azas de plumagens multicores.

Eu estava sentado ao lado d'elle, fazendo bem triste figura. Agarrava-me conforme podia ás escarpas da nuvem que me servia de assento, e se não estivesse abrigado pelo meu colossal visinho, o furacão ter-me-lia lambido e arrastado como se fôr um feto. Estava enverganhado do meu corpo, tão pequeno e tão mesquinho era. O meu feto, cujo corte sapiente e elegante eu ainda admirava na vespera, parecia-me grotesco, e figurava-se-me que eu era como estes medonhos cães rachíticos que se toleram em certas casas comtanto que não sejam enxovalhados.

— Olha! disse-me Satan.

A minha vista adquirio immediatamente um poder de percepção sobrenatural. A terra, que até ali me parecia simplesmente um corpo opaco, incolor, immovel, perdido na neblina, a terra animou-se e pude abrangela com um só golpe de vista. d'um polo a outro polo. Tudo para mim se tornou bem distincto. Segui a borboleta na sua carreira, ao longo das sebes; surprehendi no fundo dos mares monstros dignos de figurar no Apocalypse; distingui os infinitamente pequenos que se debatiam n'uma gotta de chuva; descobri de todos os lados regiões ainda ignoradas; nada me escapou. Cada um dos meus sentidos se aperfeiçoava ao mesmo tempo. Os ruidos da terra subiram todos até a mim sem se confundirem, e ouvi tão bem o zumbido dos besouros como as musicas militares nos jardins de Paris, o ruido dos degêlos como os discursos parlamentares, os beijos furtivos dos amantes como o esfervilhar das saias de sêda. E durante este tempo, o perfume dos jardins, o bom cheiro dos bosques, as fortes exalações do mar chegavam até a mim como um incenso, de todos os pontos do globo.

A especie humana fumigava sobre a bola do mundo como os insectos sobre o fructo sorvado caído no meio d'um campo. Tudo isto ia, vinha, desancava-se, acariciava-se, estrangulava-se, calumniava-se, conforme podia. D'este ponto elevado que en occupava, a natureza pareceu-me cem vezes mais bella e o homem cem vezes mais abjecto.

O tempo deixou de ter para mim esta lentidão desesperadora que faz de cada relógio um instrumento de supplicio e de tortura; os sinos badalavam seculos em vez de horas.

Assisti ao nascêr do mundo. Deixaria furiosos bastantes sabios se contasse o que vi. Mas de que me serve destruir os seus pobres monumentos scientificos? Chamar-me-iam doido, e alguma casa com portas afezrolhadas, de frestas com grades de ferro, teria de me receber e eu teria d'ahi ficar até ao resto de meus dias. Que Deus me livre de m'expôr a semelhantes torturas! Senhores Sabios! senhores Doutores! Os senhores têm toda a razão...

— Olha! diz Satan mostrando-me uma

moeda de cobre cuja effigie não pude distinguir, é isto que ha de perder o homem!

E deixou cahir a moeda sobre a terra.

II

Já teem visto algum viveiro cheio de peixes? O rebanho ondula feliz e pacifico, fazendo brilhar ao Sol as escamas nacaradas, mergulhando até ao fundo das aguas para ir lá enterrar o fructo dos seus amores. Tudo o satisfaz e nada o irrita. O rebanho gosa ingenuamente das larguezas de Deus. Mas alguém passa e desejando gosar do espectáculo d'uma batalha, atira com um bocado de pão para dentro do viveiro. Immediatamente fazem explosão os instinctos ferozes. Os mais sobrios são os mais vorazes. Todos se precipitam sobre esta presa indigna de semelhantes esforços. Trava-se a lucta. Feridos e mortos boiam dentro em pouco, inertes, pelas margens, e o pão ensopado, esmigalhado pelo combate, perde-se na lama sem ter a proveitado a nenhum d'elles.

A moeda de cobre cahindo sobre o mundo produziu o mesmo effeito.

III

Os homens caíram uns sobre os outros, servindo-se das unhas e dos dentes para se dilacerarem. Depois, armaram-se de pedras e inventaram a funda e o arco para se ferirem de longe. Isso não os satisfaz, sentiam-se capazes de fazer mais mal ainda. Forjaram ferro e fabricaram instrumentos pesados para esmigalhar, cortantes para destruir os membros, agudos para se furarem. Como apesar de tudo isto nem eram mais ricos nem estavam mais felizes, julgaram ter feito um milagre e aproximarem-se do seu fim — aperfeiçoando os meios de destruição. Então, a pólvora fez a sua entrada no mundo. Aos arcabuzes succederam os mosquetes, depois as espingardas de pederneira, de fulminante, d'agulha, depois os chassapots, os canhões raiados, os torpêdos, as metralhadoras, as balas explosivas... e mais cousas que nem sei mesmo nomear!

E ouvi os soberanos que diziam:

— *Havemos de combater pela independencia da península enquanto houver um homem e uma moeda!*

— *A nossa capital pertence ao mundo christão, devemos-lh'a conservar. Havemos de combater pela nossa fé enquanto houver um homem e uma moeda.*

— *Exigem-n'o as nossas fronteiras naturaes. Havemos de combater enquanto houver um homem e uma moeda.*

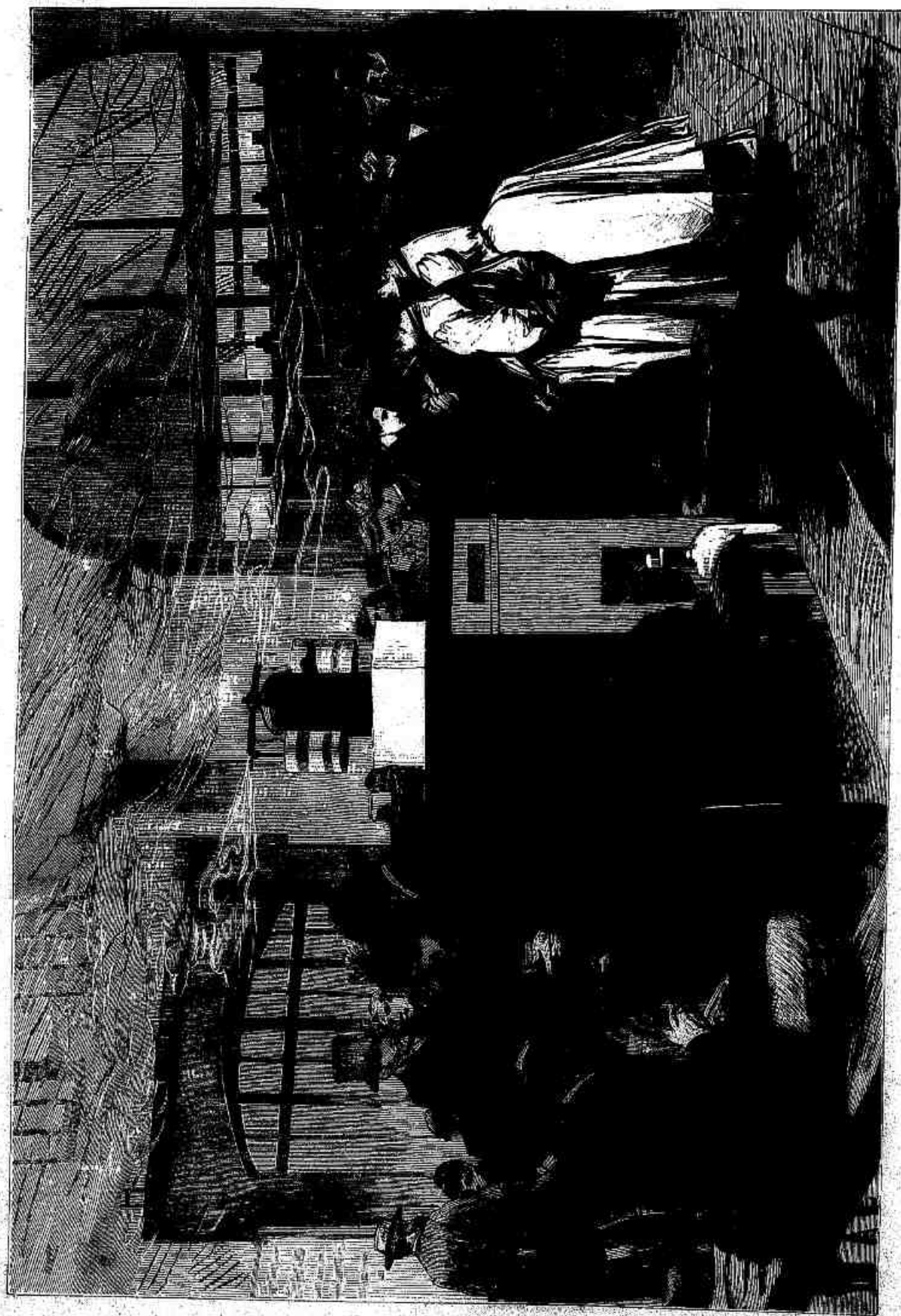
— *Seria faltar ao nosso glorioso passado não sacrificar tudo á unidade da nossa patria. Os nossos irmãos chamam-nos, combatamos enquanto houver um homem e uma moeda.*

Os presidentes das republicas exclamavam:

— *Nós somos o futuro. Nós guiamos ao combate as gerações fortes. Avante! irmãos, combatamos até ao nosso ultimo homem e até á nossa ultima moeda.*

E os soberanos repetiam em côro:

— *Nós somos a verdade, os aluões de Deus, os depositarios da felicidade dos povos. Ha-*



O CHOLERA EM FRANÇA : Desinfecções a que eram sujeitos os visitantes de Toulon e de Marselha ao chegarem a Paris





Dr. Proust.



Dr. Fauvel.



Dr. Brouardel.

Os médicos francezes que mais têm estudado a actual epidemia.



A casa de campo do presidente da Republica franceza em Mont-sous-Vandrey.



...mos de os tornar felizes enquanto houver  
homem que tenha uma moeda na algi-

grados por estas palavras, por toda a  
homens se dilaceravam, se metra-  
lhavam, se estrangulavam, em nome do  
Progresso, da Ordem, da Liberdade, da  
Fraternidade, da Religião, como se pro-  
gresso, ordem, liberdade, fraternidade e  
religião não fossem synonymes de Paz. As  
batalhas eram tão mortíferas, que os sobre-  
vivos extenuados não tinham forças para  
enterrar os mortos.

Isto durou séculos, sem descanso, sem  
treguas. A terra era sentida como se fôra  
uma esponja de cores vivas, lavada, purpu-  
reada.

Mesmo o mundo inteiro, desta lou-  
cura de guerra, sentiu-se como se fôra  
seu corpo. E de tal forma  
que o mundo inteiro em que deixaram  
de existir, o número dos combatentes  
ia sempre aumentando, o furor de matar ia  
sempre aumentando.

Este quadro causou-me horror e fechei  
os olhos.

#### IV

Ouvi ainda durante alguns séculos o  
barulho dos fusilamentos, o tremulo da  
artilharia, os uivos de raiva e o côro dos  
que estavam agonizando. Depois tudo se  
apaziguou e fez-se o silêncio.

Então Satan soltou uma formidável gar-  
galhada, e ergui as palpebras.

— Olha! me disse elle.

Sobre a terra, o ultimo homem de cada  
Estado tinha-se sentado em volta d'um  
pano verde para deliberar. No centro da  
meza estavam espalhadas as ultimas moedas  
de que elles procuravam apropriar-se por  
meio de negociações.

Felicitaram-se mutuamente do quanto  
tinham sido moderados. As grandes pala-  
vras d'Ordem, de Liberdade, de Religião,  
de Fraternidade, de Progresso, foram mais  
uma vez postas em evidencia; mas depois  
deixaram de sorrir e a luta recommençou.

Esta agonia da especie humana não durou  
muito tempo. Pude ver em breve o ultimo  
homem, mutilado, escorrendo sangue por  
varias feridas, contemplar sorrindo a ultima  
moeda de que era emfim o senhor incontes-  
tado.

Mas, passadas algumas horas, fatigado  
de se arrastar por este cemiterio, não sa-  
bendo agora que destino dar a esta moeda  
de cobre que se tornou inutil por que já não  
podia servir-se d'elle contra o proximo, o  
ultimo homem, entrecorrido, deitou fora a  
ultima moeda e pôz-se a chorar.

#### V

E vi então chegar em vôo rapido um anjo  
resplandecente que gritava:

— Coragem! irmãos, eis-me aqui. Sou  
o anjo da Paz.

O homem ergueu-se, e estendendo a mão  
para o recém-vindo:

— E tarde! murmurou elle. Já aqui não  
tenho que fazer, seductora visão. O anjo da paz

eterna, aquelle que me vae soccorrer, não és  
tu, é a Morte.

E pegando na ultima moeda que estava  
asquerosa, coberta de verdete, engulio-a e  
morreu envenenado.

— Boas noites, collega! disse riando Satan  
ao anjo divino, chegaste tarde como de cos-  
tume. Podes agora tomar conta dos teus  
cadáveres!

E vi o corpo do ultimo homem apo-  
dreçar, a sua carne desfazer-se aos bocados,  
o seu esqueleto desmembrar-se, e através  
das costellas, reunidas em ligeiras arcadas,  
reluzir ao sol a ultima moeda.

#### VI

A natureza, um instante perturbada pela  
passagem da nossa raça, recommençou livre-  
mente a sua obra.

Pouco a pouco as estradas foram desap-  
parecendo sob as hervas. As lianas toma-  
ram d'assalto os monumentos; os silvados,  
as relvas, o vento, a chuva, destruíram em  
bem pouco tempo todas as cidades; as esta-  
tuas dos heroes rotaram quebradas, confun-  
didas com as pedras. O mar engulio todas  
as esquadras. Alguns séculos bastaram para  
fazer desaparecer todos os vestígios da  
passagem do intruso.

Então a Terra respirou a sua vontade.  
A hora da liberdade tinha soado.

— A qui está o jornal, diz-me o José, o  
meu criado.

Acordei.

Tinha dormido cinco minutos...

#### QUATRELLES.

N'um dos proximos numeros, a ILUSTRAÇÃO publi-  
cará um interessante poemato intitulado « NÓS », e  
devido á penha do distincto poeta portuguez Cesario  
Verde. São versos d'um sabor extranho e d'uma origi-  
nalidade curiosa, como só os sabe escrever o mago poeta,  
um dos talentos mais sympathicos da actual geração  
litteraria. 18/08

### NOTAS E IMPRESSÕES

O homem resiste menos á tempestade que  
os monumentos que elle proprio cons-  
truiu.

CHATEAUBRIANT.

Uma festa em Paris parece sempre um pouco  
com um fogo de artifício: espirito, coquetteria,  
prezer, tudo brilha mas tudo se extingue como  
um momento.

BALZAC.

Viagem, é aprender; saber, é existir.

GEORGE SAND.

Em França o mau não cae por si, o mau  
mas sim porque está velho.

Só se deve tocar no inimigo para lhe fazer  
curvar a cabeça.

BALZAC.

Só se começa a perseguir quando se desespera  
de convencer.

LAFFONT.

Eu queria que as meninas, como os rapazes,  
tambem estudassem o latim. O latim tem uma  
coisa boa — que ensina a gente a aborrecer-se.

STENDHAL.

A liberdade não é uma conquista, mas um  
direito; sómente é preciso ser maior para o  
exercer.

ANTONELLI.

E um bom symptoma para um homem  
publico o ser injuriado pelos seus inimigos.

VANTOUR.

E um pessimo systema para ler no coração  
dos outros, affectar que occulta o seu.

ROUSSKAU.

O verbo « ser feliz » não tem nem presente,  
nem passado, nem futuro: é no condicional que  
elle se conjuga.

PAUL BOERGER.

O genio politico consiste não em crear, mas  
em conservar; não em mudar, mas em fixar.

RIVAROL.

Um ministerio francez é exactamente como o  
amor: nunca se pode ter uma opinião certa  
sobre a sua força e sobre a sua duração.

HENRI HEINE.

Tenham todas as ideias, todas as philosophias,  
todas as phantasias que queiram, mas cheguem  
depressa ao facto que as contém e que as prova.

ALFRED DUMAS.

As leis são fabricadas na Camara, mas os  
ministros nos corredores.

GONIN.

A nossa razão é como estes pharoes que illu-  
minam a trez leguas para além da costa; só a  
distancia e de muito longe é que nós vemos as  
coisas um pouco claramente.

G. DREZ.

A força de tomar interesse por tudo, o pa-  
riense acaba por se não interessar com coisa  
alguma.

BALZAC.

Nada ha de tão imprevisito como o talento:  
e não seria talento se não fosse imprevisito.

TALM.



## THEATROS

M

A as duas classes sem pão!

Soceguem que não vou fuzil-os subreptivamente para mais duas misérias sociais. Conto a coisa por conta-lhe e quando digo sem pão deveria antes dizer sem *accepere*; o emprego das classes a que me refiro é rendoso porque é imposto, mas repugnante porque é explorativo. Em lugar mesmo de pão talvez merecessem pão porque lá resa o dictado que quem dá um dito outro, mas enfim, deixemos ir o mundo como vai e evitemos manchas na nossa folha corrida.

Tra-se de *Ouverture* e de *Claque*, duas pragas que, com muitas outras, infestam esta Paris.

Lisboa felizmente não as conhece ainda e isso é uma poderosa compensação para quem nunca saiu do oitinho da nossa alfazema.

Já uma vez, se eu não o sonhei, me parece ter ouvido *claque* em D. Maria, (dizemos um vez sobre S. Carlos) representada por um gordo cavalheiro a quem um bigode e uma perna grisalha pediam instantaneamente maior porção do juízo e seriedade. E ponho em dúvida se a ouvi porque ando tão prevenido e tão caustico por ella que me basta sentir duas palmadas de mão mais forte ou de som mais chaco para que fuja tão depressa do *claqueur* como hoje em dia se foge do *cholera*.

E são dois *microbios* e duas *epidemias*!

Que d'ellas livre Deus o nosso santo torrão por muitos annos e bons. Amen Jesus Maria José.

O que eu não comprehendo é por que motivo existe o tal *microbio* em França.

O actor odela-o, o publico insulta-o, o critico reprova-o ninguém o aceita, todos o desprezam e elle continua a viver e a propagar-se! Talvez falta de vaccina...

Se Pasteur quizesse fazer umas experienciassitas, eu sujeitava-me como paciente e não perdia nada com isso; se o grande sabão se saísse mal, eu continuava como estou agora e só com tres lancetadas, a mais, nos braços, se a operação desse bom resultado ficaria livre do *claqueur*, livrando de um grande mal a humanidade, teria as mesmas tres lancetadas, é certo, mas teria a mais uma commenda do — *Mérite agricole* — ou a sua versão em portuguez — *habito de S. Thiago* — que mandaria immediatamente pedir pelo *merito scientifico e litterario* que da lanceta do celebre *immortal* tinha passado para o meu sangue impuro.

E d'hi por diante a vaccina para bexigas, a vaccina para typho, a vaccina para hydrophobia, juntar-se-hia a vaccina para a *claque* e encontrar-nos-iamos refractarios a este outro flagello.

Comença a comprehender-se que Deus não fez tal do homem, o bicho mais perfeito da criação! Principia a faltar-lhe braços para todas as vaccinas do que precisa.

Oh! a *claque*, a *claque*!

Eu estou certo que todos os postos vaccinicos seriam invadidos.

Rituidos do *Comedie* os *claqueurs* em 1878 e do *Odeon* em 1886, o que prova que a embriagação com estes sujeitos não é da moderna data, lá tem conseguido com alternativas de *bon acclamement* e de *expulsion* ondearem pelos theatros do Estado e assentarem arraízes em todos os outros theatros onde nos tomam os melhores logares, onde nos não deixam ouvir os melhores bocados, onde nos enasruendem com o barulho infernal daquellas mãos concavas e enormes semelhantes a duas metades da esphera terraqüea, onde nos empistam com o seu mau perfume, onde nos callam os mais entusiasticos applausos, (para não sermos considerados de confraria), onde nos irritam com a sua presença, onde roubam, enfim, aos artistas a unica gloria e a unica ambição, que os acompanha ao sair e os impelle ao entrar n'uma scena, o — bravo — espontaneo e sincero arrancado da alma do mais frio espectador.

De ordinario estes cavalheiros exercem varios empregos mesquinhos e nauseabundos dos quaes o de *claqueur* é ainda assim o menos asqueroso. Imagine-se dos outros...

Com as *ouvertures* o caso é mais fino...

Muito boas pessoas, vulgarmente muito bem relacionadas; mães de alguma actriz, tias de alguma dançarina, portieiras do primeiro actor, protegidas de algumas artistas, protectoras de outras. Uma vidinha satia!

As damas em questão tomam por dever e obrigação do seu escrupuloso cargo: assaltar furiosamente os espectadores que entram, extorquir-lhe o ultimo cobre, empurrar o para dentro do theatro, estar sempre a passar-lhe por diante, dar-lhe continuamente encoitrações, obrigá-lo a afogar um banquinho para os pés de alguma senhora com quem vá, dar com o dito banco na cabeça de todos antes de o collocar no chão, bater com elle nas canellas de cada um para-lhe fazer lugar, pisar os pés dos circunstantes que não precisam de poleiro, estar sempre gritando com uns guinchos de rata mal-morta, interromper o espectáculo com as suas obscen-

as roufenhas, descompor qualquer victimas que, mais corajosa, resistia ao ataque de entrada, collocá-la no pelor possível e voltar-lhe as costas quando passo nos corredores.

Se, pobres de nós, temos os logares tomados de ante mão, mostram-nos por uma fissa da porta, quasi nos querem pôr em mangas de camisa para lhe dar-lhes qualquer coisa a guardar, e senão nos sujeitamos a esta grande pouca vergonha e ao resculitramos, somos presos!

Eu, por causa de uma questão com um dos taes harpias de touca branca e lachinho cor de rosa, em ar de cadellinha gadelhada, já estive, via não via, para tomar intimo conhecimento com um grenadeiro da altura de um quinto andar que, lá do cima, que eu nunca conseguia avistar, deixava cair, endenciada, esta sentença interminável!

— *Ici on vient pour entendre et pas pour parler.*

Uma maxima de caserna!

Fiquei, desde esse dia, entendendo que o espectáculo, nos theatros de Paris, começa a ouvir-se á porta da rua!

Ou a bulsa ou a... liberdade.

Que Lisboa se extima a conhecer toda a ideal que se pode encontrar na alma de uma *civresse*.

São estas duas classes *laboriosas* e *sympathicas* que até setembro não tem trabalho, interdita como está, pelo fechamento dos theatros, a caça... ao espectador.

No verão não ha espectáculos, inventam-se. E não é só o publico que pensa assim, os empresarios seguem a mesma opinião.

Descançam os theatros, abrem-se as cafés concertos e os circos, onde geralmente o que mais impera são as raridades.

Não ha muito ainda que tivemos o *homem-pitello*, um desgraçado que nos mettia dô, vendo-o, que tinha dô de nós, por irmos vel-o e o *homem-chicote*, um laponio que ao som de musica realhava com chicotadas o ar, tendo o cuidado de nunca se retelhar a si proprio, pela magnifica invenção de que foi auctor, e já hoje o Hippodromo nos apresenta o *homem-urso* com a cura coberta de uma enorme cabeleira preta (authentic ou falsa) e a Folies-Bergère o *homem-sem-bracos* que joga, toca, escreve a fuma com os dedos dos pés.

Dois grandísimos porcalhões.

Um que tapa o que todos devem trazer sempre descoberto — a cara. Outro que mostre o que, justamente, devia esconder — os pés.

Tudo são modos de vida e hoje indico quatro que se valem bem entre si e que deixo assignalados para lição e aproveitamento dos vadios e intruides das cinco partes do mundo.

J. MIRANDA.

Mexico. — Parece que Lisboa ouvirá emfim a celebre Judie. A estimada actriz depois de um passeio artistico á Suécia e á Dinamarca, vai fazer, uma volta de tres meses pela Italia, pela Hespanha e talvez por Portugal. Deve partir de Paris em setembro. Ganhará a insignificancia de 275,000 francos (44 : 500. 000 reis) fora uma percentagem nas receitas que dêr, e as viagens, hotéis e despesas pagas. A grande curiosidade d'esta excursão será o desempenho do papel de *Cypriana* na *Divorcée*, papel que Judie ainda não interpretou em Paris, isto alem dos seus principaes successos de que sobressaem *Nieiche*, *Mam'pelle Ninouche* e *Lili*. — Alphonse Daudet está fazendo, em sociedade com Adolphe Belot, duas peças dos romances do primeiro, *Sapho* e *Tartarin de Tarascon*. — Para a proxima epocha, o Comedie recebeu mais uma peça *Rubais de Paul Delair*, em que Coquelin fará o protagonista e o Ambigu tenciona fazer uma *reprie* da *Fronton jeune et l'histoire d'un Deudet*. — Richepin tem tambem o plano de uma peça em verso que deverá subir á scena do *Theatre francais*.

## PASSATEMPO

Aviso. — As soluções nunca poderão ser dadas no numero seguinte, nem, muitas vezes, no segundo a seguir, em consequencia da demora e da irregularidade com que chegam ao nosso poder as cartas dos Srs. concorrentes.

Pede-se a todos os Srs. Charadas de mandarem as suas charadas em papel separado d'aquelle onde vem a solução. O mandado com respeito aos enigmas figurados e á explicação dos figurados.

Temerarios a facilidade e a economia que os concorrentes encontram mandando-nos os seus problemas e as suas soluções por bilhetes postaes. Pedimos tambem o maior acatamento e a melhor calligraphia possível, sobretudo na resolução dos *Caros difficiles* para poder ser publicado na íntegra.

N.º 15.

EXERCICIO

Fazer uma carta de amor com o menor numero possível de palavras de uma só syllaba.

N.º 16.

EXERCICIO

Suppondo-se que a capital de Portugal, recolher em grande numero cartas e qual d'ellas não faziam intercor tal lugar.

N.º 17.

CHARADA

Com os seus cabos, todos os tipos de Paris, fazem a exposição dos seus artigos da porta da rua, do ar livre: os cabellos de todos os tipos também. Presta um sujeito, com a devida attenção para os objectos expostos e adote para não os perder, mas infelizmente o bar que tropeça, pegando no vestido da uma senhora que atrevia a ir, que parte uma perna e arrastando a preceito da loja quebra o todo no meio da exposição o gomo de reis.

Quem paga a loja?

CHARADAS

N.º 18 — A favor d'esta House são os grandes do Estado — 1 — 2 — 3 — 4 — 5 — 6 — 7 — 8 — 9 — 10 — 11 — 12 — 13 — 14 — 15 — 16 — 17 — 18 — 19 — 20 — 21 — 22 — 23 — 24 — 25 — 26 — 27 — 28 — 29 — 30 — 31 — 32 — 33 — 34 — 35 — 36 — 37 — 38 — 39 — 40 — 41 — 42 — 43 — 44 — 45 — 46 — 47 — 48 — 49 — 50 — 51 — 52 — 53 — 54 — 55 — 56 — 57 — 58 — 59 — 60 — 61 — 62 — 63 — 64 — 65 — 66 — 67 — 68 — 69 — 70 — 71 — 72 — 73 — 74 — 75 — 76 — 77 — 78 — 79 — 80 — 81 — 82 — 83 — 84 — 85 — 86 — 87 — 88 — 89 — 90 — 91 — 92 — 93 — 94 — 95 — 96 — 97 — 98 — 99 — 100 — 101 — 102 — 103 — 104 — 105 — 106 — 107 — 108 — 109 — 110 — 111 — 112 — 113 — 114 — 115 — 116 — 117 — 118 — 119 — 120 — 121 — 122 — 123 — 124 — 125 — 126 — 127 — 128 — 129 — 130 — 131 — 132 — 133 — 134 — 135 — 136 — 137 — 138 — 139 — 140 — 141 — 142 — 143 — 144 — 145 — 146 — 147 — 148 — 149 — 150 — 151 — 152 — 153 — 154 — 155 — 156 — 157 — 158 — 159 — 160 — 161 — 162 — 163 — 164 — 165 — 166 — 167 — 168 — 169 — 170 — 171 — 172 — 173 — 174 — 175 — 176 — 177 — 178 — 179 — 180 — 181 — 182 — 183 — 184 — 185 — 186 — 187 — 188 — 189 — 190 — 191 — 192 — 193 — 194 — 195 — 196 — 197 — 198 — 199 — 200 — 201 — 202 — 203 — 204 — 205 — 206 — 207 — 208 — 209 — 210 — 211 — 212 — 213 — 214 — 215 — 216 — 217 — 218 — 219 — 220 — 221 — 222 — 223 — 224 — 225 — 226 — 227 — 228 — 229 — 230 — 231 — 232 — 233 — 234 — 235 — 236 — 237 — 238 — 239 — 240 — 241 — 242 — 243 — 244 — 245 — 246 — 247 — 248 — 249 — 250 — 251 — 252 — 253 — 254 — 255 — 256 — 257 — 258 — 259 — 260 — 261 — 262 — 263 — 264 — 265 — 266 — 267 — 268 — 269 — 270 — 271 — 272 — 273 — 274 — 275 — 276 — 277 — 278 — 279 — 280 — 281 — 282 — 283 — 284 — 285 — 286 — 287 — 288 — 289 — 290 — 291 — 292 — 293 — 294 — 295 — 296 — 297 — 298 — 299 — 300 — 301 — 302 — 303 — 304 — 305 — 306 — 307 — 308 — 309 — 310 — 311 — 312 — 313 — 314 — 315 — 316 — 317 — 318 — 319 — 320 — 321 — 322 — 323 — 324 — 325 — 326 — 327 — 328 — 329 — 330 — 331 — 332 — 333 — 334 — 335 — 336 — 337 — 338 — 339 — 340 — 341 — 342 — 343 — 344 — 345 — 346 — 347 — 348 — 349 — 350 — 351 — 352 — 353 — 354 — 355 — 356 — 357 — 358 — 359 — 360 — 361 — 362 — 363 — 364 — 365 — 366 — 367 — 368 — 369 — 370 — 371 — 372 — 373 — 374 — 375 — 376 — 377 — 378 — 379 — 380 — 381 — 382 — 383 — 384 — 385 — 386 — 387 — 388 — 389 — 390 — 391 — 392 — 393 — 394 — 395 — 396 — 397 — 398 — 399 — 400 — 401 — 402 — 403 — 404 — 405 — 406 — 407 — 408 — 409 — 410 — 411 — 412 — 413 — 414 — 415 — 416 — 417 — 418 — 419 — 420 — 421 — 422 — 423 — 424 — 425 — 426 — 427 — 428 — 429 — 430 — 431 — 432 — 433 — 434 — 435 — 436 — 437 — 438 — 439 — 440 — 441 — 442 — 443 — 444 — 445 — 446 — 447 — 448 — 449 — 450 — 451 — 452 — 453 — 454 — 455 — 456 — 457 — 458 — 459 — 460 — 461 — 462 — 463 — 464 — 465 — 466 — 467 — 468 — 469 — 470 — 471 — 472 — 473 — 474 — 475 — 476 — 477 — 478 — 479 — 480 — 481 — 482 — 483 — 484 — 485 — 486 — 487 — 488 — 489 — 490 — 491 — 492 — 493 — 494 — 495 — 496 — 497 — 498 — 499 — 500 — 501 — 502 — 503 — 504 — 505 — 506 — 507 — 508 — 509 — 510 — 511 — 512 — 513 — 514 — 515 — 516 — 517 — 518 — 519 — 520 — 521 — 522 — 523 — 524 — 525 — 526 — 527 — 528 — 529 — 530 — 531 — 532 — 533 — 534 — 535 — 536 — 537 — 538 — 539 — 540 — 541 — 542 — 543 — 544 — 545 — 546 — 547 — 548 — 549 — 550 — 551 — 552 — 553 — 554 — 555 — 556 — 557 — 558 — 559 — 560 — 561 — 562 — 563 — 564 — 565 — 566 — 567 — 568 — 569 — 570 — 571 — 572 — 573 — 574 — 575 — 576 — 577 — 578 — 579 — 580 — 581 — 582 — 583 — 584 — 585 — 586 — 587 — 588 — 589 — 590 — 591 — 592 — 593 — 594 — 595 — 596 — 597 — 598 — 599 — 600 — 601 — 602 — 603 — 604 — 605 — 606 — 607 — 608 — 609 — 610 — 611 — 612 — 613 — 614 — 615 — 616 — 617 — 618 — 619 — 620 — 621 — 622 — 623 — 624 — 625 — 626 — 627 — 628 — 629 — 630 — 631 — 632 — 633 — 634 — 635 — 636 — 637 — 638 — 639 — 640 — 641 — 642 — 643 — 644 — 645 — 646 — 647 — 648 — 649 — 650 — 651 — 652 — 653 — 654 — 655 — 656 — 657 — 658 — 659 — 660 — 661 — 662 — 663 — 664 — 665 — 666 — 667 — 668 — 669 — 670 — 671 — 672 — 673 — 674 — 675 — 676 — 677 — 678 — 679 — 680 — 681 — 682 — 683 — 684 — 685 — 686 — 687 — 688 — 689 — 690 — 691 — 692 — 693 — 694 — 695 — 696 — 697 — 698 — 699 — 700 — 701 — 702 — 703 — 704 — 705 — 706 — 707 — 708 — 709 — 710 — 711 — 712 — 713 — 714 — 715 — 716 — 717 — 718 — 719 — 720 — 721 — 722 — 723 — 724 — 725 — 726 — 727 — 728 — 729 — 730 — 731 — 732 — 733 — 734 — 735 — 736 — 737 — 738 — 739 — 740 — 741 — 742 — 743 — 744 — 745 — 746 — 747 — 748 — 749 — 750 — 751 — 752 — 753 — 754 — 755 — 756 — 757 — 758 — 759 — 760 — 761 — 762 — 763 — 764 — 765 — 766 — 767 — 768 — 769 — 770 — 771 — 772 — 773 — 774 — 775 — 776 — 777 — 778 — 779 — 780 — 781 — 782 — 783 — 784 — 785 — 786 — 787 — 788 — 789 — 790 — 791 — 792 — 793 — 794 — 795 — 796 — 797 — 798 — 799 — 800 — 801 — 802 — 803 — 804 — 805 — 806 — 807 — 808 — 809 — 810 — 811 — 812 — 813 — 814 — 815 — 816 — 817 — 818 — 819 — 820 — 821 — 822 — 823 — 824 — 825 — 826 — 827 — 828 — 829 — 830 — 831 — 832 — 833 — 834 — 835 — 836 — 837 — 838 — 839 — 840 — 841 — 842 — 843 — 844 — 845 — 846 — 847 — 848 — 849 — 850 — 851 — 852 — 853 — 854 — 855 — 856 — 857 — 858 — 859 — 860 — 861 — 862 — 863 — 864 — 865 — 866 — 867 — 868 — 869 — 870 — 871 — 872 — 873 — 874 — 875 — 876 — 877 — 878 — 879 — 880 — 881 — 882 — 883 — 884 — 885 — 886 — 887 — 888 — 889 — 890 — 891 — 892 — 893 — 894 — 895 — 896 — 897 — 898 — 899 — 900 — 901 — 902 — 903 — 904 — 905 — 906 — 907 — 908 — 909 — 910 — 911 — 912 — 913 — 914 — 915 — 916 — 917 — 918 — 919 — 920 — 921 — 922 — 923 — 924 — 925 — 926 — 927 — 928 — 929 — 930 — 931 — 932 — 933 — 934 — 935 — 936 — 937 — 938 — 939 — 940 — 941 — 942 — 943 — 944 — 945 — 946 — 947 — 948 — 949 — 950 — 951 — 952 — 953 — 954 — 955 — 956 — 957 — 958 — 959 — 960 — 961 — 962 — 963 — 964 — 965 — 966 — 967 — 968 — 969 — 970 — 971 — 972 — 973 — 974 — 975 — 976 — 977 — 978 — 979 — 980 — 981 — 982 — 983 — 984 — 985 — 986 — 987 — 988 — 989 — 990 — 991 — 992 — 993 — 994 — 995 — 996 — 997 — 998 — 999 — 1000 — 1001 — 1002 — 1003 — 1004 — 1005 — 1006 — 1007 — 1008 — 1009 — 1010 — 1011 — 1012 — 1013 — 1014 — 1015 — 1016 — 1017 — 1018 — 1019 — 1020 — 1021 — 1022 — 1023 — 1024 — 1025 — 1026 — 1027 — 1028 — 1029 — 1030 — 1031 — 1032 — 1033 — 1034 — 1035 — 1036 — 1037 — 1038 — 1039 — 1040 — 1041 — 1042 — 1043 — 1044 — 1045 — 1046 — 1047 — 1048 — 1049 — 1050 — 1051 — 1052 — 1053 — 1054 — 1055 — 1056 — 1057 — 1058 — 1059 — 1060 — 1061 — 1062 — 1063 — 1064 — 1065 — 1066 — 1067 — 1068 — 1069 — 1070 — 1071 — 1072 — 1073 — 1074 — 1075 — 1076 — 1077 — 1078 — 1079 — 1080 — 1081 — 1082 — 1083 — 1084 — 1085 — 1086 — 1087 — 1088 — 1089 — 1090 — 1091 — 1092 — 1093 — 1094 — 1095 — 1096 — 1097 — 1098 — 1099 — 1100 — 1101 — 1102 — 1103 — 1104 — 1105 — 1106 — 1107 — 1108 — 1109 — 1110 — 1111 — 1112 — 1113 — 1114 — 1115 — 1116 — 1117 — 1118 — 1119 — 1120 — 1121 — 1122 — 1123 — 1124 — 1125 — 1126 — 1127 — 1128 — 1129 — 1130 — 1131 — 1132 — 1133 — 1134 — 1135 — 1136 — 1137 — 1138 — 1139 — 1140 — 1141 — 1142 — 1143 — 1144 — 1145 — 1146 — 1147 — 1148 — 1149 — 1150 — 1151 — 1152 — 1153 — 1154 — 1155 — 1156 — 1157 — 1158 — 1159 — 1160 — 1161 — 1162 — 1163 — 1164 — 1165 — 1166 — 1167 — 1168 — 1169 — 1170 — 1171 — 1172 — 1173 — 1174 — 1175 — 1176 — 1177 — 1178 — 1179 — 1180 — 1181 — 1182 — 1183 — 1184 — 1185 — 1186 — 1187 — 1188 — 1189 — 1190 — 1191 — 1192 — 1193 — 1194 — 1195 — 1196 — 1197 — 1198 — 1199 — 1200 — 1201 — 1202 — 1203 — 1204 — 1205 — 1206 — 1207 — 1208 — 1209 — 1210 — 1211 — 1212 — 1213 — 1214 — 1215 — 1216 — 1217 — 1218 — 1219 — 1220 — 1221 — 1222 — 1223 — 1224 — 1225 — 1226 — 1227 — 1228 — 1229 — 1230 — 1231 — 1232 — 1233 — 1234 — 1235 — 1236 — 1237 — 1238 — 1239 — 1240 — 1241 — 1242 — 1243 — 1244 — 1245 — 1246 — 1247 — 1248 — 1249 — 1250 — 1251 — 1252 — 1253 — 1254 — 1255 — 1256 — 1257 — 1258 — 1259 — 1260 — 1261 — 1262 — 1263 — 1264 — 1265 — 1266 — 1267 — 1268 — 1269 — 1270 — 1271 — 1272 — 1273 — 1274 — 1275 — 1276 — 1277 — 1278 — 1279 — 1280 — 1281 — 1282 — 1283 — 1284 — 1285 — 1286 — 1287 — 1288 — 1289 — 1290 — 1291 — 1292 — 1293 — 1294 — 1295 — 1296 — 1297 — 1298 — 1299 — 1300 — 1301 — 1302 — 1303 — 1304 — 1305 — 1306 — 1307 — 1308 — 1309 — 1310 — 1311 — 1312 — 1313 — 1314 — 1315 — 1316 — 1317 — 1318 — 1319 — 1320 — 1321 — 1322 — 1323 — 1324 — 1325 — 1326 — 1327 — 1328 — 1329 — 1330 — 1331 — 1332 — 1333 — 1334 — 1335 — 1336 — 1337 — 1338 — 1339 — 1340 — 1341 — 1342 — 1343 — 1344 — 1345 — 1346 — 1347 — 1348 — 1349 — 1350 — 1351 — 1352 — 1353 — 1354 — 1355 — 1356 — 1357 — 1358 — 1359 — 1360 — 1361 — 1362 — 1363 — 1364 — 1365 — 1366 — 1367 — 1368 — 1369 — 1370 — 1371 — 1372 — 1373 — 1374 — 1375 — 1376 — 1377 — 1378 — 1379 — 1380 — 1381 — 1382 — 1383 — 1384 — 1385 — 1386 — 1387 — 1388 — 1389 — 1390 — 1391 — 1392 — 1393 — 1394 — 1395 — 1396 — 1397 — 1398 — 1399 — 1400 — 1401 — 1402 — 1403 — 1404 — 1405 — 1406 — 1407 — 1408 — 1409 — 1410 — 1411 — 1412 — 1413 — 1414 — 1415 — 1416 — 1417 — 1418 — 1419 — 1420 — 1421 — 1422 — 1423 — 1424 — 1425 — 1426 — 1427 — 1428 — 1429 — 1430 — 1431 — 1432 — 1433 — 1434 — 1435 — 1436 — 1437 — 1438 — 1439 — 1440 — 1441 — 1442 — 1443 — 1444 — 1445 — 1446 — 1447 — 1448 — 1449 — 1450 — 1451 — 1452 — 1453 — 1454 — 1455 — 1456 — 1457 — 1458 — 1459 — 1460 — 1461 — 1462 — 1463 — 1464 — 1465 — 1466 — 1467 — 1468 — 1469 — 1470 — 1471 — 1472 — 14

